

Conferência no Primeiro Congresso Internacional de Pedagogos sobre a Pedagogia de Schoenstatt

"Princípios e inovações no campo pedagógico"

23 a 27 de agosto - Brasil

Educação à liberdade – eixo da pedagogia de Schoenstatt

Irmã Dra. M. Doria Schlickmann (Alemanha)

I Fundamentação e introdução

Não é suficiente contemplar uma ou outra corrente atual para encontrar princípios fundamentais na pedagogia da nossa época. É igualmente necessário compreender o desenvolvimento da pedagogia como ciência e analisar como é possível reconhecer e compreender as diferentes concepções da mesma. A partir desta visão é mais fácil captar a pedagogia de Schoenstatt como um todo sem se perder à partida em diversos detalhes.

A pedagogia como ciência autônoma é relativamente recente, é uma "filha do Iluminismo"; comparada às antigas disciplinas clássicas, como por exemplo, a matemática, a filosofia ou a teologia é nova. Precisou aprender a se afirmar para ser reconhecida como ciência humanística e poder enfrentar a pergunta sobre a sua capacidade de fornecer provas! Além disso, depende de outras ciências como, por exemplo, da psicologia, da sociologia, da filosofia. Necessita, também, de trabalho empírico, de experiências que podem ser apuradas através de estatísticas para terem valor de provas.

Vive, ao mesmo tempo, de seu desenvolvimento histórico e do reconhecimento e da ideia do homem, de como o homem é instruído, formado, educado, favorecido no seu crescimento. Tudo o que diz respeito ao homem é importante para ela, na medida em que o homem cresce ou enfrenta obstáculos para o seu desenvolvimento através de situações e de pessoas.

A partir do séc. XX, na Europa e para além dela, a religião que durante muitos anos cobrira o campo da educação foi decididamente relegada ao segundo plano. As igrejas que durante longo tempo haviam exercido a principal influência sobre o homem e sua educação foram praticamente excluídas desse campo. A teologia não devia ter nada que ver com educação; a dedicação à educação e formação do homem em deve efetuar-se em total independência da religião e da teologia. Somente no final do século XX se começou a falar de novo cuidadosamente, em alguns artigos científicos, da religião como fator formativo.

No entanto, quanto comecei a elaborar uma tese de doutorado sobre a pedagogia do Padre José Kentenich em Muenster – a segunda maior universidade na Alemanha – alguns professores da nossa faculdade reagiram com a pergunta: "Aqui, nós nem sabemos o que fazer com um sacerdote!" Quando o professor meu orientador, evangélico, começou a falar da

vida e do atuar do Padre Kentenich, os especialistas em ciências pedagógicas presentes mudaram de opinião: "Esse homem é um fenômeno, você não pode simplesmente apresentá-lo numa tabela de dados biográficos!"

A faculdade ocupava-se então com um projeto de pesquisa relativamente recente: como chega alguém a iniciar uma pedagogia alternativa nova, embora sua própria educação tenha sido diferente? Que elementos de seu processo formativo, de sua biografia exercem influência nesse sentido? A maioria dos participantes do seminário de doutorandos eram ateus ou situavam-se pelo menos a uma distância crítica da Igreja. Após alguns finais de semana em que havíamos apresentado uns aos outros nossas dissertações, os colegas disseram-me que na perspectiva da fé não podiam concordar com tudo, mas que achavam a pedagogia do Padre Kentenich "excelente".

É a essa pedagogia que pretendemos dedicar-nos mais de perto neste congresso. Proponho para tal um método fundamental que facilita a compreensão de qualquer conceito, quer se trate de ideias sobre as reformas educacionais da ideologia de gênero, do marxismo ou da pedagogia de Waldorf, de uma pedagogia da "Antiga escola" ou de correntes modernas de emancipação.

Em primeiro lugar, cabe perguntar pelas **premissas antropológicas** das quais a concepção pedagógica parte: que imagem do homem está por trás dela? Que indicações preliminares esta já fornece – muitas vezes implicitamente? Há ainda que considerar a **meta, o objetivo**: ou seja, o que se quer, o que se deve alcançar através dessa educação e instrução? Segue a pergunta pelos **métodos e meios** propostos, ou seja, pelo **caminho**: como alcançar o objetivo? Em toda a concepção pedagógica se diz desta forma, implícita ou explicitamente, algo sobre os **atores** do processo pedagógico, sobre o **educador ou o professor**: como deve ser, como deve decidir, como deve agir ou não deve agir! De igual forma, também consoa uma determinada **imagem da criança**, da pessoa a ser educada.

Estamos todos conscientes de que determinados projetos pedagógicos negam tudo isto, não optam por uma imagem do homem e sobretudo não querem determinar e forçar o desenvolvimento da criança; não admitem afirmações normativas sobre o homem e a existência humana. Voltarei mais tarde a este aspecto. Alguns afirmam que pelo mesmo motivo também não têm objetivos definidos. Mas trata-se de uma consequência errada, como é fácil constatar até entre representantes da educação antiautoritária ou da assim chamada antipedagogia, aliás já um pouco ultrapassada.

Antes de tudo, uma observação preliminar:

O que há de inovador e de novo na concepção de J. Kentenich, partindo deste pano de fundo?

Antecipo desde já alguns enfoques:

1. "O Padre Kentenich... pensou ao mesmo tempo teologia, psicologia e pedagogia. Isso o torna singular." Esta frase provém de uma avaliação da Universidade de Muenster sobre a minha dissertação.

J. Kentenich via o ser humano como "*microcosmo*", como um todo. Não o contemplava apenas sob determinados aspectos da natureza humana, como por exemplo a questão do sexo (gender) ou seu papel no processo econômico (marxismo); não o via como simples produto do ambiente (psicologismo social) ou como resultado de seus instintos (Freud). É pois extremamente importante contemplar sua imagem do homem, porque descreve o cosmo do ser humano como um todo e em suas múltiplas relações. Os princípios acima citados referem-se sempre unicamente a um determinado aspecto da natureza humana.

2. J. Kentenich não rejeitava categoricamente, como os teólogos do seu tempo, a novidade das correntes da filosofia moderna que surgiram há duzentos anos e hoje encontram a sua expressão na forma de vida das pessoas. Pelo contrário: via nas novas ideias filosóficas da nova época histórica um chamado de Deus, sem no entanto renunciar aos valores tradicionais da filosofia medieval e da filosofia antiga que viam o homem como um todo.

"Queremos resgatar cuidadosamente tudo o que de grande e de belo os últimos quatro séculos revelaram sobre as maravilhas escondidas da ideia divina acerca do homem e transformá-la em vida na nossa aspiração".¹

3. Ao incluir também a teologia no seu processo de formação, insere no seu sistema mais uma força formadora: a realidade de Deus e da graça, que porém não pode ser cientificamente medida no sentido habitual. Certo é que as consequências de uma vinculação religiosa sãda da pessoa podem ser provadas com métodos estatísticos e empíricos (melhor superação de crises, maior número de curas de câncer, etc.).

4. Da imagem do homem que J. Kentenich apresentou desde o início aos seus alunos decorre uma série de notáveis e inovadoras indicações e propostas metódicas para a prática pedagógica, para a pessoa do educador e o modo de ver da criança. Ele não foi certamente o único a detectá-los, mas a sua visão de conjunto parece-me que espetacular.

5. O estilo pedagógico dialogal de J. Kentenich inclui vários princípios inovadores e novos:

- A mútua relação entre sujeito e objeto do professor/educador e aluno/criança: educação deve ser entendida como caminho comum de mútuo enriquecimento.
- O primado da autoeducação no professor e no aluno enquanto expressão da dignidade e do *direito à autodeterminação da pessoa humana*. A educação é vista como um processo de toda a vida para ambos. *A educação não senão o sentido*, afirma J. Kentenich, *de impulsionar a criança/aluno à autoeducação*.
- A importância da vinculação autêntica para a realização da liberdade.
- etc.

¹ J. Kentenich, Oktoberbrief 1949 an die Schönstattfamilie, Vallendar 1970, p. 92 s.

Olhemos mais de perto esta concepção:

II Desdobramento da pedagogia da liberdade de J. Kentenich

No período em que J. Kentenich começou a projetar sua concepção pedagógica não só em teoria, mas sobretudo na prática, davam-se na Europa inícios da assim chamada "Reformpädagogik" ("pedagogia da reforma") que visavam desligar-se de uma forma de educação autoritária da "antiga escola". No âmbito eclesial, estas manifestações era consideradas suspeitas e combatidas como tais. Entre as poucas exceções de uma pedagogia reformada de proveniência católica podemos citar, além de Friedrich Wilhelm Förster e Maria Montessori Josef Kentenich. Entre as inovações reformadoras da pedagogia do século XX, por sua vez, apenas um movimento que proclamou a *pedagogia da liberdade* como lei principal: a assim chamada "Escola de Hamburgo".

No decorrer das minhas pesquisas deparei-me com uma notável frase de J. Kentenich que se transformou para mim na chave para captar com uma palavra a sua concepção. Falando a educadores profissionais, ele afirmou certa vez que devemos esforçar-nos por "*imitar a pedagogia de Deus*", ou seja, *uma pedagogia do amor e da liberdade*. Estas duas simples palavras não abrangem apenas toda a sua concepção pedagógica, mas também resgatam um cosmos de nossa existência humana e de suas relações fundamentais. Independentemente do ponto de partida que escolhamos o com o qual nos deparemos: temos sempre diante de nós pessoas humanas para as quais estes dois valores têm importância fundamental. E mesmo quando entendidos diversamente, uma série de elementos são essencialmente idênticos.

Nos nossos dias, sobretudo na Europa e EU, as discussões sobre "liberdade e vínculo" são abrangentes e até profundas: na pedagogia, psicologia, filosofia e nas ciências sociais essa "dupla de valores" (liberdade e vínculo) é considerada como uma inevitável "dialética carregada de tensões", como consta no Índice de Valores 2014. O psicólogo Horst Petri explica: "A tarefa dos pais ... de lidar com sensibilidade, tolerância e responsabilidade com a contradição entre vínculo e liberdade faz parte dos desafios mais difíceis da educação. Porque não existe solução para a contradição. A única solução consiste em reconciliar-se com ela"².

J. Kentenich, além de aceitar a tensão entre os polos da liberdade e da vinculação – também no que diz respeito a normas e valores – "reconciliando-se" com ela, até a provocou. Agia assim não apenas para despertar nas pessoas *forças criadoras*: segundo a sua concepção, as tensões despertam forças no nosso interior. J. Kentenich reconheceu, ainda, que justamente esta tensão constitui a verdadeira liberdade. Quem não está vinculado, não tem segurança nem referências realizar livremente sua existência pessoal. É como um cometa lançado no universo, "jogado", sem apoio nem orientação, como diz o filósofo Martin Heidegger. Mas quem, ao contrário, tem segurança em vínculos sem ao mesmo tempo ter liberdade, torna-se

² H. Petri, *Bloß nicht zu viel Liebe. Eltern und Kinder zwischen Bindung und Freiheit*, Stuttgart 2007.

dependente do vínculo e deixa-se determinar por outros. Realizar uma pedagogia da liberdade supõe uma profunda reflexão sobre o que a liberdade realmente é!

J. Kentenich defendia apaixonadamente a liberdade humana:

*"Esta foi sempre a ideia da minha vida: ser e formar pessoas a partir do interior, no espírito da verdadeira liberdade"*³.

Assim descreve o eixo da sua pedagogia – o ponto ao redor do qual tudo gira.

1 Visão antropológica

A palavra "imagem do homem" parece ser tabu na discussão atual sobre ciências da educação. Afirmar sobre a "natureza" ou o "ser" da pessoa humana são facilmente taxadas de arrogantes, antiquadas ou fundamentalistas. Consta-se, no entanto, que sem afirmações normativas não é possível trabalhar e toda a ciência, afinal, busca dizer algo universalmente válido e supratemporal sobre a pessoa humana, porque sem isso uma sociedade não pode sustentar seu fundamento jurídico. Por exemplo: a que toda a pessoa tem direito pelo fato de ser pessoa? Se as respostas a estas questões fundamentais mudassem com todas as ideologias políticas, amanhã um sistema marcado pelo desprezo do ser humano como foi o nacional-socialismo poderia exigir direitos iguais, por exemplo, aos das constituições de muitos estados democráticos para os quais a dignidade humana é sagrada.

Fato é, ainda, que toda a concepção pedagógica parte de uma determinada imagem do homem. Por isso também se deve aceitar que em nossa pedagogia de Schoenstatt tenhamos uma imagem cristã do homem.

Padre Kentenich considerou amplamente a sua época e as respectivas correntes que inseriu na sua pedagogia. Analisou Jean-Jaques Rousseau sobre o qual lera quando jovem.

Rousseau, considerado o pai e promotor de quase todas as iniciativas reformadoras e inovações pedagógicas até à década de 90 do século passado, continua exercendo grande influência até o momento presente. Quase tudo o que desde então surgiu de novo parece referir-se a ele.

Rousseau tinha uma **visão** extremamente **otimista do homem**. "Tudo é bom, assim como sai das mãos do Criador, tudo se deteriora nas mãos do homem". Esta primeira frase do seu romance sobre educação que se tornou mundialmente conhecido: "Emílio, ou da Educação" (em 1795 foi severamente criticado pelo arcebispo de Paris) significa: O homem por natureza é bom, é inteiramente bom. O que nele há de mal deve ser reconduzido exclusivamente a uma forma de educação errada. J. Kentenich partilha a opinião de Rousseau, que o homem em princípio é bom, que tem em si muito de bom e favoreceu durante toda a sua vida esta fé no que há de bom na criança. Em muitos congressos pedagógicos encoraja professores e

³ J. Kentenich, in: Freiheit von – Freiheit für. Textsammlung, 1990, Titelseite.

educadores a partirem sempre do bem e a concentrarem sempre seu trabalho pedagógico no bem que existe na criança.

Mas faz algumas restrições em relação a Rosseau:

1. J. Kentenich tem em conta a assim chamada natureza humana afetada pelo pecado original. Entende o pecado original como fundamental rejeição de Deus por parte do homem na definição do que é bom e do que é mau. Uma rejeição que tem múltiplas consequências. Não se trata de uma questão antiquada no campo das ciência pedagógicas, como mostra a contribuição de Matthias Grönemeyers: "De onde vem o mal na pessoa?"⁴

A primeira rebeldia do homem contra o bem (Deus) teve consequências para a condição humana: a **desarmonia** interior. J. Kentenich explica frequentemente: quando a relação entre Deus e o homem é perturbada, a harmonia na relação do homem consigo mesmo e com os outros também é perturbada⁵.

O ser humano manifesta certa duplicidade que obstacula continuamente o esforço em harmonizar as próprias forças intelectuais, emocionais e volitivas⁶. (Paulo: Não faço o bem que quero e faço o bem que não quero. Rm 7,19).

Justamente neste ponto o homem experimenta uma **falta de liberdade interior**. J. Kentenich refere-se a esta experiência de limite como experiência fundamental da pessoa humana:

*"Aqui, o psicólogo só pode constatar: embora o espírito saiba claramente, tu deverias fazer isto ou aquilo – embora a vontade deseje preservar o estreito vínculo e a articulação orgânica entre todas as dimensões, fracassa sempre de novo. Continuamente, acontecem falhas e desenvolvimentos errôneos. A pessoa pode esforçar-se quanto queira"*⁷.

O otimismo antropológico de J. Kentenich permanece realista.

O otimismo pedagógico antropológico propagado por Rosseau rejeitava qualquer doutrina dogmática sobre a pessoa humana. J. Kentenich, ao contrário aceita como razoáveis as verdades dogmáticas sobre a pessoa humana, mas valoriza ao mesmo tempo o empenho pedagógico positivo que deriva do otimismo de Rosseau:

*"O naturalismo pedagógico e o otimismo pedagógico (significa): não existe pecado original... (Segundo esta concepção), o ser humano deve ser... educado mediante o correto entrelaçamento das suas forças humanas. Onde estas forças forem captadas... a educação tem um efeito infalível. O naturalismo pedagógico transforma-se assim em otimismo pedagógico. Procurem entender, de um ponto de vista exclusivamente pedagógico, as forças que tal teoria pode despertar no educador"*⁸.

⁴ Wie kommt das Böse in den Menschen – und wie kommt es wieder heraus?, ZfPäd., 55. Jg., Heft 4, 2009, pp. 549-561.

⁵ Vgl. J. Kentenich, Pädagogische Tagung 1950, p. 174 s.

⁶ Esta realidade faz parte das constantes antropológicas que I. Bock constata como "experiência humana de limitação ética". Cf. Pädagogische Anthropologie, p. 101.

⁷ J. Kentenich, Pädagogische Tagung 1950, p. 175.

⁸ J. Kentenich, Jugendpädagogische Tagung 1931, p. 63.

Sabemos que no passado e em parte ainda no presente justamente a doutrina sobre o pecado original teve consequências graves para a prática pedagógica porque – ao contrário de J. Kentenich – foi interpretada muito unilateralmente e – diversamente do que aconteceu com ele – conduzia necessariamente de um pessimismo antropológico a um pessimismo pedagógico. J. Kentenich, ao contrário, permaneceu durante toda a vida persuadido de que no ser humano dormitam muitas forças positivas que o educador deve despertar e favorecer.

2. J. Kentenich pensa diversamente de Rousseau ainda em outro ponto: se a pessoa humana estivesse a priori determinada para ser boa, não teria liberdade.

3. J. Kentenich aponta ainda um terceiro ponto fraco relativo à liberdade no conceito de Rousseau:

"Ele (o educando) pode acreditar que é o senhor enquanto na realidade o senhor sois vós (o educador)... Não tendes ao vosso dispor tudo o que o rodeia a ele (educando)? Não podeis influenciá-lo como desejais?... Ele pode, sem dúvida fazer o que quiser. Mas só pode querer o que vós desejais que ele faça. Não pode dar nem um passo que vós não tenhais previsto; não pode abrir a boca sem que vós saibais o que vai dizer"⁹.

Está precisamente aqui a raiz de certo orgulho de muitos reformadores pedagógicos que não verdade não renunciaram até hoje ao antigo conceito de educação. Podemos questionar criticamente se nosso sistema escolar também não está marcado por ele? (Input – Output, esquema de estímulo-reação): o educador, o professor é visto como produtor e protagonista principal do processo formativo, mesmo quando deveria motivar a autonomia dos alunos. O educador é o sujeito – a criança o objeto do processo. J. J. Rousseau faz um contrato com Emílio: "Tu prometes ser-me obediente e eu te prometo só usar a tua obediência **para fazer** de ti a mais feliz de todas as pessoas"¹⁰.

Uma traiçoeira "cultura do fazer" sob a cobertura da liberdade. J. Kentenich não partilha este otimismo em relação à onnicapacidade e onnipotência do professor e de sua concepção de educação. Em 1931 diz, diante de pedagogos:

*"Não existe nenhum sistema educativo infalivelmente eficaz. Mesmo que nos esforcemos por construir um sistema de educação moderno, podemos e precisamos colocar sobre cada afirmação a palavra: mas não atribuímos a este sistema uma eficácia infalível já porque o ser humano tem o pecado original, porque Deus também tem uma palavra a dizer, porque a pessoa... pode facilmente percorrer caminhos que não previmos. E se os tivermos previsto, a pessoa possui sua livre vontade e pode percorrer seus próprios caminhos."*¹¹

Precisamente esta última frase evidencia uma visão do homem que reconhece na criança ou no aluno as últimas consequências, possivelmente até errôneas, de sua liberdade. Uma atitude que na verdade só Deus pode permitir-se.

Aqui emerge explicitamente em J. Kentenich o seu ponto de partida realmente fascinante: imitar a **pedagogia de Deus**. A liberdade e o amor são para ele valores centrais em toda a sua vida e na vida as pessoas em geral, assim como na sua pedagogia. Ele vê seu fundamento e sua garantia na existência de Deus e no nosso caráter de imagem de Deus: resgata

⁹ J.-J. Rousseau, *Émile*, p. 105.

¹⁰ J.-J. Rousseau, *Émile*, p. 351.

¹¹ J. Kentenich, *Jugendpädagogische Tagung 1931*, p. 64.

assim as palavras de Irineu de Lyon: *"O homem é a criatura que se realiza crescendo ao encontro de Deus"*.

No campo de concentração de Dachau, Padre Kentenich dita, em 1944, as seguintes linhas: *"O homem e a sociedade são tanto mais perfeitos quanto mais se inserirem na liberdade de Deus, quando mais amadurecerem na verdadeira liberdade dos filhos de Deus, quanto mais (também) a sociedade humana se tornar uma comunidade perfeita edificada sobre a base de personalidades perfeitas e quanto mais ambas forem sustentadas não apenas pelas leis da verdade e do direito, mas também pela força elementar fundamental do amor"*¹².

Chegados a este ponto, constatamos que nossa imagem de Deus também tem relevância para nossa imagem do homem e que de nossa relação com Deus e de nossa imagem de Deus resulta a forma como nós, pessoas humanas, lidamos umas com as outras, justamente no sentido pedagógico!

A partir desta perspectiva emerge claramente toda a concepção pedagógica de J. Kentenich – o estilo de educação, a visão dos protagonistas envolvidos no processo educativo e o objetivo da educação.

2 O estilo de educação dialógico e livre

J. Kentenich afirma:

*"Liberdade e autonomia absolutas – é sempre a minha ideia predileta. Creio poder dizer-lhes isso. Não encontrar poucas pessoas que amem a liberdade como eu e também deixem liberdade."*¹³

Esta atitude determinava toda a sua ética de educador. É o motivo de sua reserva ao deixar primeiro seu interlocutor falar e agir, sem intervir imediatamente. O meu livro: *"Tempestades de outono 1912"* descreve as características pedagógicas do procedimento de J. Kentenich para com os alunos, a forma como busca conjugar uma direção autoritária com um estilo de educação livre sem dar excessivo peso a um dos dois polos. Ele está convicto de que esta *"como prova a experiência, é exatamente esta a forma como Deus assume livremente a seu serviço personalidades livres"*¹⁴.

Exige um ato de equilíbrio por parte do professor, representar, por um lado, a autoridade que descreve o objetivo, indica o programa de colaboração, é o centro e a "alma" da comunidade da turma e por outro lado deixa liberdade, coloca em evidência a autonomia dos alunos e a defende em todos os sentidos. J. Kentenich entende os alunos como parceiros com iguais direitos e trata-os como adultos, embora ainda sejam adolescentes. Emerge aqui com

¹² J. Kentenich, *Werkzeugsfrömmigkeit*, 1944, p. 160.

¹³ J. Kentenich, *Gespräch v. 20. 11.1964*, in: H. King, J. Kentenich – *Ein Durchblick in Texten I*, p. 255.

¹⁴ J. Kentenich, *Krise um Regierungsformen*, 1961, in: Herta Schlosser, *Der neue Mensch - Die neue Gesellschaftsordnung*, Vallendar 1971, p. 385.

evidência como a liberdade ,enquanto objetivo, também determina o método, mas não significa que o educador renuncie à sua tarefa e responsabilidade pedagógicas.

Neste processo *dialógico* J. Kentenich compreendeu a si mesmo, durante toda a vida, como alguém que continua sempre aprendendo com seu interlocutor, que é enriquecido pelos alunos e caminha com eles, colocando-se ao seu nível sem deixar de encarnar ao mesmo tempo autoridade. As primeiras palavras que dirige aos alunos assim o provam:

*"Nós queremos aprender. Não somente vocês, eu também. Queremos aprender uns com os outros. Porque nunca terminamos de aprender, sobretudo na arte da autoeducação que representa a obra, a ação, o trabalho de toda a nossa vida"*¹⁵.

*"Autoeducação", afirma mais tarde, "devida ao nosso direito pessoal à autodeterminação... A possibilidade como a obrigação da autoeducação é essencialmente inerente à nossa capacidade de autodeterminação... à capacidade de autodecisão . Portanto não é a predisposição em si, não é o meio que me obriga; posso determinar a mim mesmo..."*¹⁶

Já cedo J. Kentenich não refere a educação somente a jovens, a pessoas em fase de crescimento, portanto mais fracas, inexperientes, ignorantes, mas também a adultos, interpretando a educação como um processo que dura toda a vida. Corrige assim um erro comum segundo o qual o adulto está pronto e conduz a criança ou o jovem "a partir de cima". Muitas correntes modernas são rigorosas e doutrinárias. Certas ideologias que procuram influenciar o sistema de educação com suas ideias colocam-se como um "deus" absoluto acima da criança, de suas necessidades e de seu mundo vital.

Segundo J. Kentenich a todo o processo educativo é inerente uma comum interiorização de valores, uma elevação de valores e uma realização comum de valores. Mas o intercâmbio de valores dá-se num processo dialógico, não de forma unilateral e doutrinária e deve dar espaço a uma decisão livre por esses valores. A transmissão de valores apela ao reconhecimento e à decisão livre da vontade e a uma adesão interior da inteligência e do coração. O professor deve capacitar seus alunos a esta realização autônoma da liberdade.

J. Kentenich inverte as ideias até então vigentes sobre educação, por exemplo ao convidar os jovens do internato em Schoenstatt a refletir sobre educação partindo de uma leitura comum, como se tivesse diante de si futuros educadores ou professores. (Nós também fazemos o mesmo aqui ao convidar alunos dos cursos mais adiantados para o congresso). Enfim, declara que eles mesmos são objeto de sua própria educação. Transforma o objeto da educação em sujeito da educação. Assim deve ser entendida a motivação à autoeducação que dirige aos alunos!

Desperta a sua confiança oferecendo-lhes confiança, dando prova de que conta com eles. Integrando no seu método educativo as leis da liberdade, favorece e provoca decisões livres, preparando para os alunos uma atmosfera que lhes permita amadurecer na liberdade. Não

¹⁵ J. Kentenich, Palestra de 27. Oktober 1912.

¹⁶ J. Kentenich, Palestra de 16.6.1951, não editada. (Arquivo Irmãs de Maria)

podemos lidar com liberdade sem pressupostos, justamente num mundo plural, orientado para o consumismo e dotado de abrangentes possibilidades de influência. Na época das ilimitadas possibilidades globais, as pessoas necessitam deste aprendizado da liberdade, de aprender a usar corretamente a liberdade no sentido da responsabilidade pelos outros e por si mesmas: aprender a decidir-se e a pôr em prática as próprias decisões.

Padre Kentenich também transmite metodicamente o objetivo da *livre personalidade*: leitura, palestras motivadoras e salpicadas de humor, conversas individuais que despertam confiança e fortalecem a personalidade, condução comunitária e extrema reserva nas plenárias: conduzir através de líderes conduzidos. Surpreende que pedagogos de diferentes proveniências concordem justamente neste ponto. Assim, Dietmar Langer, psicólogo e chefe terapêutico de uma clínica para crianças e jovens afirma:

"O sentido da educação consiste em capacitar para o devido uso da liberdade pessoal que não é arbitrariedade, não significa agir arbitrariamente, mas capacidade de agir racionalmente o que exige uma vontade correspondente. Neste contexto, Eduard Spranger (1882-1963 – inteligência de ponta da pedagogia no quadro das ciências humanas falava de um "eu enobrecido" (1969), Alfred Petzelt (1886-1967, iniciador da posição crítica transcendental) falava do que se manifesta na dignidade da pessoa, ou seja, na liberdade humana e Otto Friedrich Bollnow (1903-1991, representante de um pensar hermenêutico antropológico) das capacidades de reflexão e diálogo (Bollnow 1988). ... Todos três se referiam a uma pessoa capaz de assumir responsabilidade por todas as suas decisões e pelos seus atos e decidida a fazê-lo"¹⁷.

3 Os atores: professor e alunos

A intenção pedagógica de J. Kentenich permanece, desde o início: educar *personalidades livres*. Isso se refere tanto a professores como aos alunos.

Durante toda a vida exigiu muito do **educador**: este deve trabalhar continuamente a própria personalidade. Exerce a maior influência através de sua autoeducação, de seu exemplo e das forças que dele dimanam e desdobram muitas vezes "subterraneamente" uma influência psicológica no campo natural e no campo sobrenatural. Frequentemente, a reação da turma só é positiva porque eu, professor, estou bem preparado para a aula. O aluno quer ver em mim a encarnação dos valores que anuncio. Este é o único caminho à autenticidade. Assim adquiro credibilidade como professor.

O educador precisa ser interiormente livre para capacitar à liberdade o "*interlocutor*", assim J. Kentenich costumava designar o "tu" no processo educativo. Além disso, necessita possuir determinadas qualidades que deveria desenvolver ao máximo: paciência, perseverança, reserva, capacidade de escutar, o devido equilíbrio entre proximidade e distância e sobretudo um elevado grau de desprendimento de si e capacidade de sacrifício e de amar. Mas o educador não possui tudo isso simplesmente de antemão ou apenas por ter estudado pedagogia e superado exames.

¹⁷ Dietmar Langer, *Erziehung zur Willensfreiheit*, ZfPäd. 55,3, 2009, p. 389.

J. Kentenich aponta caminhos que permitem adquirir este perfil, inserindo neles a força formadora sobrenatural, e sobretudo Maria como Educadora carismática. Ela tem importância fundamental também para o educador. Sobre o cenário de fundo traçado, ele não precisa ser o diretor único e infalível, o professor perfeito. A seu lado não existem apenas coeducadores como o meio ambiente, a mídia, a comunidade (família, grupo, turma) mas sobretudo também Deus e Nossa Senhora.

No passado, abusou-se frequentemente da religião e de Deus para alcançar rapidamente determinadas intenções pedagógicas. Um fato que também contribuiu para a forte rejeição da religião por parte da pedagogia. J. Kentenich caracteriza a religião como fator formativo cuja contribuição, sem se impor, é essencial para o desenvolvimento da personalidade e para a liberdade. Para deixar liberdade neste campo, talvez doloroso para alguns pais crentes, o educador deve renunciar a aplicar cegamente ao educando suas ideias, qualquer que seja a sua orientação!!!

Abre-se aqui mais um campo de tensões que vemos tratado na literatura atual: a tensão entre dependência, necessidade, carência do aluno e a dupla tarefa do professor e educador de, por um lado, acolher a criança, manifestar-lhe que a valoriza, transmitir-lhe em certa medida abrigo e por outro lado libertá-la e abrir-lhe o caminho à autonomia. O educador, afirma J. Kentenich, deveria procurar "*tornar-se supérfluo*"¹⁸.

Uma dimensão irrenunciável da experiência psicológica de liberdade é a experiência de *valorização*. Onde esta falta, muitos problemas internos e de relacionamento têm sua causa na falta de autoestima (consciência do próprio valor), tanto do aluno como do professor:

*"O homem de hoje deve reaver novamente uma consciência do próprio valor. E como o consegue? Precisa sentir-se amado. Quem se sente amado, sente-se valorizado; desenvolve uma sã consciência do próprio valor. E onde esta começa a surgir – permitam que lhe diga, o terreno está preparado para a superação dos maiores problemas psíquicos..."*¹⁹

Praticamente nenhum elemento fortalece a personalidade como a experiência individual de valorização que J. Kentenich transmitia. Um número sem conta de testemunhos descreve que era totalmente isenta de intenções. J. Kentenich assume como princípio a rara atitude de amar incondicionalmente, sem segundas intenções, desprendidamente. Rejeitava toda a forma de amor aparente que se limita a perseguir um determinado objetivo pedagógico ou vincula unilateralmente ao educador.

Valorização autêntica e amor despertam no aluno algo essencial que o motiva à autoeducação e ao desdobramento da força de vontade: "Tu és importante para mim. Mereces honra e dignidade. És original e ímpar". Uma experiência que faz crescer as asas da alma.

4 Objetivo da educação: a necessidade de personalidades livres

¹⁸ J. Kentenich, in: *Exerzitien für Marienschwestern*, 20.2. – 26. 2.1939, p. 52. não editado.

¹⁹ J. Kentenich, *Vollkommene Lebensfreude*, 1934, p. 307.

Quer na sociedade, na economia ou na política, na convivência privada e na família trata-se do fortalecimento da autonomia da personalidade, da *autoestima* que permita lidar com os desafios de um mundo plural e ter a forma de resistir à sugestão e à manipulação que privam da liberdade.

Podemos observar de muitas formas que continua decisiva, não por último em vista da formação de professores, a demanda de personalidades com qualidades de liderança, cuja personalidade as qualifique para determinadas tarefas. Mas como tornar-se uma personalidade capaz de se autodeterminar e de se autorrealizar?

Isso ainda é possível no nosso tempo? J. Kentenich estava animado por um otimismo pessoal neste sentido. Ele aplica pedagogicamente a definição clássica de liberdade como *capacidade de decisão e de execução*: interpreta-a como fortalecimento da vontade, da capacidade de decisão da criança pelas coisas o que reconheceu e *experimentou* com sua inteligência, mas também com seu coração, como importantes e certas. Os valores não deveriam ser apresentados apenas no nível intelectual, também deveríamos poder experimentá-los e quase *saboreá-los*.

J. Kentenich centrou a autorrealização sobretudo na sua doutrina sobre o *ideal pessoal*, uma categoria singular no mundo pedagógico. Trata-se do ideal de vida individual que cada pessoa pode descobrir em si mesma e desenvolver. O ideal pessoal como expressão da singularidade original de cada aluno constitui o cerne da personalidade na realização da qual o professor/educador deve ajudar o aluno/a criança. É o motivo de uma forma de proceder do professor adequada a cada indivíduo.

Na psicologia, as discussões giram ao redor de possibilidades e limites, chances e desafios das livres decisões da vontade e do desdobramento da força intrínseca necessária para pessoas limitadas poderem reinserir-se na vida e sejam capacitadas para dominar a vida com autonomia, responsabilidade e respeito diante de si mesmas

J. Kentenich estava consciente deste desafio:

*"Não pensem que seja fácil educar hoje uma pessoa a se decidir pessoalmente... Por isso é tão importante que vermos a educação à decisão livre e saudável sempre como o mais importante"*²⁰.

Preserva a visão otimista e positiva do homem e da sua liberdade mesmo quando enfrenta grandes desafios: não enfrentou apenas a ameaça da prisão, mas experimentou o campo de concentração de Dachau. E afirma *"Em que consiste a perfeita grandeza do ser humano? Na sua livre decisão no sentido da ordem de valores objetiva desejada por Deus"*²¹.

Esta liberdade pode ser questionada. Todos conhecemos os limites da liberdade nos indivíduos. Conhecemos relações fatais de causa e efeito. No entanto, o otimismo diz-nos (esta é

²⁰ J. Kentenich, *Christliche Freiheit*, p. 29.

²¹ J. Kentenich, Palestra de 26.6.1940, não editada.

uma mensagem importante para todos nós e para nossos alunos): não sou obrigado a correr como um camundongo preso dentro de uma roda que gira, não sou apenas o produto de minha educação, um elo qualquer de uma corrente, uma *coxa de rã galvanizada* (N.T.: no sentido figurado: uma pessoa que só reage a estímulos exteriores, sem capacidade de iniciativa própria) ou uma "pequena roda num mecanismo". Posso mudar o rumo de minha vida, posso voltar-me para outro lado e caminhar em outro sentido, *posso recomeçar cada dia e de forma diferente*. Podemos tudo isto porque somos pessoas humanas e além de Deus só nós, pessoas humanas, o podemos. Somos capazes de viver a liberdade como nenhum outro ser nesta terra.

J. Kentenich não considerava importante apenas liberdades exteriores, mas sobretudo na capacidade de viver a *liberdade interior* que tem mais peso ainda para os tempos modernos e à qual o anelo ainda é maior na nossa época. O autor norte americano de best-sellers Stephen R. Covey (1932-2013) escreve sobre o psicoterapeuta judeu Viktor Frankl que passou por torturas indescritíveis nos campos de extermínio nazistas:

"Um dia em que se encontrava num pequeno espaço, Frankl tomou consciência do que mais tarde chamou de 'a última das liberdades humanas', a liberdade que os nazistas não podiam roubar-lhe. Eles podiam dominar todo o ambiente que o rodeava, podiam fazer o que quisessem com o seu corpo, mas Victor Frankl era um ser consciente de si mesmo, capaz de contemplar, como um observador, a sua própria e real colaboração. Sua identidade básica estava intata. Ele tinha a capacidade de decidir para si a medida em que tudo aquilo o influenciaria"²².

Na narração de Covey lê-se, ainda sobre Victor Frankl:

"Ele treinou sua pequena liberdade embrional (freedom) até ela se tornar cada vez maior, até possuir mais liberdade (freedom) que os nazistas que o mantinham prisioneiro. Eles tinham mais liberdade (liberty) ao seu redor, mais opções entre as quais podiam escolher; mas ele tinha mais liberdade (freedom), mais poder interior para a realização de suas opções. Ele tornou-se a inspiração dos que estavam ao seu redor, até para seus próprios guardas. Ajudou outros a encontrarem um sentido no seu sofrimento e uma dignidade na sua existência de prisioneiros"²³.

J. Kentenich passou por experiências semelhantes no campo de concentração de Dachau e foi justamente neste sentido um apoio e sustento para outros.

Valeria a pena e seria certamente uma grande ajuda para nossos alunos escolhermos como tema de nossas aulas estes exemplos de verdadeira liberdade. Após os anos de cativo pelo nacional socialismo e de todas as crueldades que vivenciou, J. Kentenich permaneceu inquebrantado, fortalecido em sua imagem otimista do homem e na fé em que a pessoa humana é chamada a esta liberdade interior e capaz de alcançá-la:

²² In: Robert Grözinger, Eigentümlich frei. Freiheit und Bindung: zwei eng verwandte Begriffe, <http://ef-magazin.de/2007/10/29/212>.

²³ Ibid.

*"O elemento primário (desta liberdade) é a capacidade de se decidir com certa autonomia a favor ou contra uma coisa, não obstante a pressão exterior e a angústia interior, não obstante o impulso dos sentimentos e da vida instintiva, não obstante o medo, as ofensas e predisposições negativas conscientes ou inconscientes"*²⁴.

Em 1946, um ano após o término dos seus quase quatro anos de cativo sob os nazistas, J. Kentenich afirma numa jornada:

*"Liberdade exterior e interior, liberdade política e econômica, liberdade social etc. são expressões que ressoam profundamente na alma porque hoje estamos oprimidos pelo jugo da escravidão! Quando mais forte o jugo da escravidão, mais elementar o impulso ao contrário: à liberdade política, à liberdade econômica, nacional, pedagógica. São tudo formas exteriores de liberdade. Mas precisamos recordar: além delas existe uma liberdade interior, uma liberdade do coração... Esta liberdade interior é condição, fonte e medida também da liberdade exterior"*²⁵.

No trabalho pedagógico podemos contribuir muito para capacitar os jovens que nos estão confiados a reconhecerem, também individualmente, seu próprio valor e a trabalharem a sua personalidade a se autoeducarem por causa dele. Podemos mostrar-lhes a liberdade como dignidade e tarefa da pessoa humana, comunicar-lhes a liberdade como capacidade de decisão e de execução da personalidade e abrir-lhes assim uma perspectiva de sentido mais profunda para suas vidas.

Nas aulas e no sistema escolar é possível – como certamente logo mais escutaremos – é possível evidenciar toda uma série de possibilidades e exemplos metódicos da perspectiva inovadora e alternativa de J. Kentenich neste sentido. E nas discussões entre todos estas poderão certamente ser mais desdobradas.

²⁴ J. Kentenich, Für eine Welt von morgen, p. 88.

²⁵ J. Kentenich, Kampf um die wahre Freiheit, 1946, p. 9, não editado.